

Será economia, estúpido!?

Publicação: [O Mundo em Português Nº 53](#)

Data de Publicação: Fevereiro 2004

Autor: Maria João Seabra

Nenhuma outra eleição, em qualquer país do mundo, atrai tanta atenção e, por vezes, tanta preocupação, como a do Presidente dos Estados Unidos. É mesmo tentador pensar que se Washington tem tanta influência em todo o mundo, então o resto do planeta deveria também ter uma palavra a dizer na escolha do ocupante da Casa Branca. Mas, como é óbvio, só os cidadãos americanos têm essa prerrogativa, e nada mais é incerto do que considerar que quando fazem as suas escolhas estejam simultaneamente a pensar que estão também a influenciar, directa ou indirectamente, os destinos de muitos outros milhões de pessoas em todo o mundo.

Olhando só para o passado recente, o exemplo paradigmático foi a derrota de George Bush pai em 1992. Naquele que foi um mandato riquíssimo em termos externos – basta pensar na queda do Muro de Berlim, na dissolução da União Soviética, na primeira Guerra do Golfo –, num período de enorme optimismo no futuro das relações internacionais, foi impossível ao então presidente garantir a sua reeleição. Foi, aliás, nessa campanha eleitoral que Bill Clinton proferiu a célebre frase «It's the economy, stupid!!!», querendo com isso dizer que é a economia que determina em primeira instância o voto dos americanos – e, na altura, tinha razão.

È certo que de então para cá muita coisa mudou. Com os ataques de 11 de Setembro e a resposta belicista dos Estados Unidos, com o desencadear de operações militares no Afeganistão e no Iraque, as questões de segurança, tanto interna como externa, assumiram lugar de destaque nas preocupações dos americanos. Mas qual é o peso que estas questões ocupam quando cada cidadão americano faz a sua escolha?

Alguns dados recentes apontam para um empate, ou seja, os americanos considerariam como problema mais importante tanto a economia como a guerra no Iraque e a guerra em geral, seguindo-se o desemprego e o terrorismo. Seguindo esta linha, importa ver qual a sua satisfação com a forma como essas questões estão a ser abordadas pelo actual executivo. Aqui, começam a surgir as potenciais linhas de factura: se a grande maioria dos americanos se declara satisfeito com o poder militar do país (81%) ou com

a segurança relativamente a ataques terroristas (70%), as percentagens mudam quando se passa para temas mais económicos e sociais, como a saúde e a educação, com que a maioria se declara insatisfeita, ou a economia (53% declaram a sua insatisfação, contra 45% que se consideram satisfeitos).

Estas clivagens traduzem-se directamente na avaliação que os americanos fazem da forma como cada partida lida com essas questões. Os republicanos de George W. Bush apenas recolhem uma maioria de aprovação quando se trata de questões de terrorismo, política externa e Iraque (bem como em relação ao controverso tema das armas pessoais, uma questão com um relevante significado nos Estados Unidos). Na economia, nos impostos, na saúde e na educação, no défice orçamental, a maioria dos americanos indica que prefere a forma como os democratas lidam com as questões.

Sendo ainda demasiado cedo para fazer grandes prognósticos, a única certeza é que, de uma forma genérica, o voto dos americanos será decidido pondo nos pratos da balança duas questões: de um lado, a economia, do outro, a segurança e a acção internacional. Mesmo assim, daqui não se pode generalizar excessivamente, afirmando, por exemplo, que se a economia «ganhar», o próximo ocupante da Casa Branca será um democrata. Até Novembro, ainda muita coisa pode acontecer, tanto internamente como para além das fronteiras americanas, sobretudo no Iraque – e aqui, terá certamente importância, por um lado, a continuação da resistência no terreno, com a morte quase diária de soldados americanos e, por outro lado, a concretização do plano de retirada dos Estados Unidos de Bagdad.

Até ao momento, e de acordo com as sondagens, a reeleição de George W. Bush ainda não parece estar em grande perigo. Numa sondagem realizada no início de Janeiro, o actual Presidente ganharia a qualquer um dos potenciais candidatos democratas com uma vantagem superior a dez pontos percentuais. Mas as sondagens também revelam que menos de metade do país está a prestar realmente atenção às eleições, além de que cerca de vinte e oito por cento dos inquiridos afirmam estar à espera de uma nomeação democrata antes de decidirem qual o candidato à presidência que vão apoiar. Assim, muito dependerá da longuíssima campanha eleitoral que os candidatos democratas terão que enfrentar na caminhada para a Convenção Democrata, que decorrerá de 26 a 29 de Julho, em Boston. Howard Dean, Wesley Clark e John Kerry são, até ao momento, os candidatos melhor posicionados para conseguir a nomeação do Partido Democrata. Outro importante candidato era Dick Gephardt, que acabou por desistir em consequência dos resultados do “caucus” do Iowa, que teve lugar a 19 de Janeiro. John Kerry venceu esta primeira competição eleitoral, ficando John Edwards

em segundo, Howard Dean (que era o favorito) em terceiro e Dick Gephardt em quarto (Wesley Clark não participou).

Entretanto, Bush continua com uma taxa de aprovação muito elevada, superior a 59 por cento, mas a verdade é que daqui não se podem tirar grandes conclusões. Por um lado, essa taxa de aprovação está em declínio, tendo sido já muito superior e, por outro, a herança familiar a este nível não é todo propícia a criar grandes expectativas: afinal, George Bush pai tinha, no mesmo período, uma taxa de aprovação ainda maior (69,5%) e perdeu as eleições.

A corrida está, assim, ainda em aberto e, em Novembro, serão os cidadãos americanos a decidir quem será o «homem mais poderoso do planeta». Se, em qualquer outro país do mundo, os resultados eleitorais acabam, quase sempre, por traduzir as preocupações dos eleitores com as questões internas mais prementes e mais ligadas ao dia-a-dia dos cidadãos – tendo a acção externa pouco impacto nas suas escolhas – os Estados Unidos, assim parece, não serão a excepção. Mas a verdade é que o mandato de George W. Bush não foi propriamente rotineiro e os ataques de 11 de Setembro marcaram decisivamente a vida pública americana. Assim, todo este acto eleitoral, incluindo tanto a própria eleição presidencial como o processo de selecção do candidato democrata, incorpora uma grande incógnita (para além da maior de todas, ou seja, quem será o vencedor em Novembro): irão os cidadãos integrar nas suas escolhas o 11 de Setembro e a acção internacional dos Estados Unidos que se lhe sucedeu?